

Festa Temática:

Considerações em torno de um novo conceito

Susana de Araújo Gastal¹

Mariana Schwaab Machiavelli²

Resumo

As festas são eventos importantes nas ofertas do turismo brasileiro. No bojo de projetos turísticos mais amplos ou ofertadas como atrativo isolados, há um vasto calendário no qual as mesmas são destaque. Originados junto às comunidades locais, tais eventos são, não raro, criticados pelos seus hibridismos culturais, colocados como desrespeitosos da cultura local, por suposta falta de autenticidade; o viés antropológico os vê como desvirtuamento da expressão popular. O presente artigo discute essa questão, buscando na especificidade de tais festas, elementos que permitam propor o conceito *festa temática* para classificar tais eventos. Metodologicamente, utiliza-se a teoria do texto, a partir de revisão bibliográfica, com ênfase em pesquisas sobre o assunto, consolidadas em teses e dissertação, tendo como recorte espacial o Rio Grande do Sul, onde tais eventos são recorrentes desde os primórdios do século XX.

Palavras-chave: Turismo. Festa. Festa Temática. Rio Grande do Sul.

1 Introdução

O festejar marca os processos civilizatórios desde os primórdios humanos, associado tanto ao religioso como ao profano. Nessa condição irá dominar diferentes esferas de vida, marcará nascimentos, casamentos e outros ritos de passagem. Permeará a sociedade envolvendo famílias, clãs, empresas, comunidades, consagrado como o momentos de estar com o outro, seja ele parente, amigo, conviva ou, em tempos mais recentes, o visitante e o turista.

O turismo, entendido como atividade estruturada que busca atender demandas do mercado de lazer, tem sua consolidação concomitante à Revolução Industrial, consequência da disponibilização de novos meios de comunicação e transporte (PIRES, 2002). Fruto da mesma Revolução, e atendendo a demanda dos novos processos industriais que então se

¹ Doutora e pesquisadora do Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Email: sgastal@terra.com.br

² Bacharel em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2009) e mestranda m Turismo da Universidade de Caxias do Sul. mariana.turismo@yahoo.com.br

impunham e precisavam dar visibilidade aos seus produtos, surgem na Europa as *exposições mundiais*. O que se pretende destacar, no corpo do presente artigo, é que as práticas das exposições-feira induzem um novo pensar sobre o festejar e a festa, no qual se associa à ideia de gozo e alegria, o desfrute de um evento planejado e, mesmo que no primeiro momento não se coloque propriamente como um produto de mercado, já com lógicas associadas a outras questões que não apenas o extravasamento social e individual, e a expressão da cultura local. A aproximação pretendida filia-se ao proposto por Trigo (2003, p.26), para quem o entretenimento é uma “atividade programada e geralmente paga”, em oposição aos discursos sociológicos e antropológicos que destacam o lazer como auto-expressão.

Os dados aqui apresentados para discussão colocam-se no âmbito de uma pesquisa mais ampla, que objetiva traçar a construção do campo do Turismo no Rio Grande do Sul, ao longo do século XX. Parte dos resultados parciais da investigação evidenciou o grande número de festas realizadas na região. Em termos cronológicos, essas festas têm como marco o ano de 1931, quando da realização da Festa da Uva, em Caxias do Sul/RS. Ao longo do século XX, a intensidade e diversificação temática das festas só festa aumentar. Mesmo quando apresentam vínculo com as comunidades locais, há outras questões repetitivamente presentes, que permitem que se encaminhe a proposta da utilização da expressão *festa temática* para qualificá-las e conceituá-las.

A construção teórico-metodológica proposta para o resgate dessas construções de sentido procura aproximar as noções de sistema simbólico, consolidada em *campo* específico, em Bourdieu (1983) e a teoria do texto, conforme Barthes (1988). Por campo entenda-se o “espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social, o *quantum* entendido como capital social” (ORTIZ *in* BOURDIEU, 1983, p. 21). Já para Barthes (1987), o texto, mais do que um *objeto*, é um campo metodológico, aberto à contradição. Para o segmento da pesquisa aqui apresentado, realizou-se uma revisão bibliográfica incluindo livros, artigos e muito especialmente, teses e dissertações que abordam a festa em suas diferentes expressões, em especial no Rio Grande do Sul, para, a partir delas, propor o texto *Festa Temática*.

2 A Festa

A Festa implicaria em uma intervenção organizativa no que seria, antes, uma manifestação humana universal, cuja definição “é polêmica em todas as disciplinas que a

abordam” (AMARAL, 2008). Alguns teóricos, para os quais o principal pressuposto da Festa seria vê-la como divertimento, acreditam que a mesma se daria como um escape da monotonia cotidiana e do trabalho pela sobrevivência. É o caso de Ribeiro (2002), que estudou a Festa da Uva de Caxias do Sul/RS, realizada desde 1931, e que afirma que se festeja para *mostrar o que somos e o que fazemos* até porque *somos o que fazemos*. Ressalta que as transformações e mudanças que *nós operamos* no modo de fazê-las, na forma de organizá-las, são o que *nós somos*. A autora filia-se aos que a colocam como uma relação marcada pelo tempo *festivo* ou tempo *cerimonial*, como oposição ao tempo de trabalho.

Bakhtin (2002), por sua vez, afirma que a origem das festas não precisa e nem deve ter uma possível explicação a apresentá-la como produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo ou de uma necessidade biológica, pois elas exprimiriam, antes de tudo, uma visão de mundo. Assim, a origem da Festa estaria no mundo das ideias e dos ideais, nascendo não da obrigatoriedade de proporcionar descanso ao corpo, mas sim “dos *fins superiores* da existência humana” (BAKHTIN, 2002, p.7). Nessa visão, o tema da festa seria, por definição, o próprio festejar em si mesmo.

O que se propõe como *Festa Temática*, no corpo da presente reflexão, seria um evento de outra ordem, fruto da modernidade. Para percorrer a sua construção de sentido, inicia-se por retomar a reflexão de Trigo (2003, p.26) para quem “o conceito de entretenimento surgiu de forma mais específica ao longo do século XIX e XX, fruto da estruturação do capitalismo em sua fase pós-industrial”. Embora o teórico se refira mais especificamente aos produtos da indústria cultural – best-sellers, cinema, televisão, disco – a palavra teria origem latina em *inter* (entre) e *tenere* (ter) que, via a inglesa *entertainment*, levaria ao “‘que diverte como distração ou recreação’ e a ‘um espetáculo público ou mostra destinada a interessar e divertir’.” (TRIGO, 2003, p.32 em parte citando Gabler). Outro conceito para ajudar a pensar as festas à luz da modernidade é o de *acontecimento*, aqui muito próximo ao sentido que Boullón (1990) dá ao termo *momento*: algo que não tem compromisso nem com o que vem antes (passado), nem com o que se seguirá (futuro), desencorajando qualquer possibilidade de pensamento crítico. O *acontecimento* deverá marcar-se pela intensidade e não pela extensividade.

As lógicas de entretenimento e de intensidade seriam as marcas diferenciais, por exemplo, das exposições mundiais. Já na primeira, realizada em Londres, em 1851, com a denominação de *Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations*, o objetivo era o de

criar um grande palco para os novos materiais e para os novos produtos industriais, ora lançados no mercado, assim como demonstrar suas possibilidades de utilização.” (TRIGO, 2003, p. 52). A exposição de Londres tinha entre suas atrações jardins, fontes luminosas, restaurantes e festas noturnas, cuja marca seria o *espetacular*. Ainda segundo Trigo (*idem ibidem*): “Cada área possuía um tema específico: história do trabalho, história da habitação humana, técnicas de higiene, exposições coloniais, etc. Daí vem a expressão ‘exposição temática’ (que originou os parques temáticos)”, reportando aos espaços da feira.

A primeira exposição no Brasil ocorreu em 1861 e foi montada na Escola Central, no Rio de Janeiro, em prédio cedido pelo Ministério da Guerra. Em 1900, será a vez da Exposição Artístico-Industrial Fluminense, cujo relatório, de 1901, registrava que “nenhum país (sic) onde impere a civilização e haja aspiração ao engrandecimento poderá ser indiferente aos resultados que se tem colhido das exposições [...]” (*apud* MACHADO, 1990, p.83). Esta exposição teve por mote comemorar o quarto centenário do descobrimento do Brasil. Em 1908 houve a Exposição Nacional comemorativa ao Centenário da Abertura dos Portos, a primeira a extrapolar o âmbito de um único prédio, e ter a participação dos Estados com pavilhões próprios. Em 1922, será a vez de comemorar outra efeméride, com a Exposição Internacional do Centenário da Independência, realizada no Rio de Janeiro, que além da representação dos estados, contou com representações estrangeiras. Tais eventos propagaram-se pelo país, apresentando uma nova maneira de festejar, comemorar e estar juntos. O Rio Grande do Sul, a seguir analisado, coloca-se apenas como recorte, para maior compreensão desse novo perfil das festas.

3 Entretenimento e Turismo: o Rio Grande do Sul e suas Festas

Entretenimento e acontecimento estarão diretamente associados a atividade turística, na sua busca por atender a demanda por prazer e lazer, entre outros, via realização de eventos, em especial aqueles associados à ideia de festa. A festa que tenha o turismo entre seus focos buscará promover a integração social entre os participantes, aliada à oferta gastronômica e cultural. As festas podem ser o principal produto ou atrativo em alguns municípios, que as promovem com gestão profissional ou, em muitos casos, sob o modelo de organização a partir de comissões comunitárias (ZOTTIS, 2003). Essas festas de viés comunitário “ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira” (BUENO, 2008, p.53).

Festa e turismo estão associados, no Rio Grande do Sul, desde 1931, quando foi realizada a primeira Festa da Uva em Caxias do Sul. As comunidades alemãs e italianas, originadas nos principais fluxos de migrantes que se instalaram no sul do Brasil ao longo do século XIX, receberam como legado o cultivo da festa como forma de celebrar, comemorar e divertir. Momentos que, no mundo colonial, tinham o lazer em contraponto às rotinas de trabalho, situação ainda presente nas zonas rurais em alguns casos, mesmo na atualidade. Foi a partir da década de 1970, no mesmo Estado, que houve em concomitância à criação do Sistema Estadual de Turismo, a formulação de políticas públicas de incentivo à realização de Festas temáticas nos distintos municípios. Para viabilizar o Turismo nestes locais, as festas temáticas praticadas em diversas comunidades começaram a contar com a montagem de instalações provisórias para comercialização de alimentos e práticas de lazer, o que permitia que os festejos fossem desfrutados não só pelos munícipes, mas também pelos visitantes e turistas que timidamente começaram a se aventurar até elas, mesmo na falta de infraestrutura mais adequada.

A oficialização da atividade turística no Rio Grande do Sul se dera na década de 1950, quando a Lei 997 criou o Conselho Estadual de Turismo (CET) e o Serviço Estadual de Turismo (SETUR), mesmo que sua efetivação se dê nove anos depois, quando o Serviço é instalado junto à Secretaria do Interior e Justiça, que teve ampliadas suas atribuições, para incluir o turismo. Até então, no Brasil, o turismo estivera associado à iniciativa privada, a exemplo da atuação do Touring Club (GASTAL e CASTRO, 2008). Não por acaso, Osvaldo Goidanich³, ligado ao Touring Club, será designado diretor do SETUR, sendo responsável pela formulação do Plano de Turismo, que tinha entre seus objetivos “organizar, anualmente, o Calendário Turístico do Rio Grande do Sul, aproveitando as principais manifestações de ordem cultural, artística, folclórica, econômica e outras que ofereçam real partido turístico” (HOHLFELDT e VALLES, 2008, p.25). Conforme registrado avaliação de Goidanich:

Nas realizações do SETUR, destacam-se as festividades que começaram a movimentar o interior do estado, como a 2ª Festa das Hortênsias, em Gramado, no ano de 1961 e o 1º Festival da Serra, em Canela, em 1962. Ambos foram organizados pelos seus recém-fundados Conselhos Municipais de Turismo, sob patrocínio do SETUR. Surgiu em 1963 a Festa do Pêssego, na cidade de Pelotas; a 1ª Festa do Milho, em Guaporé; a Festa das Rosas, em Sapiranga, assim como, em

³ Osvaldo Goidanich é “personalidade referencial em termos regionais, nacionais e internacionais, quando o assunto era turismo, ao construir uma sólida carreira no ramo, principalmente através do Touring” (HOHLFELDT e VALLES, 2008, p.24).

Novo Hamburgo, a FENAC – Festa Nacional do Calçado, até hoje reconhecida mundialmente (HOHLFELDT e VALLES, 2008, p.27).

Na década de 1970, como já colocado, houve o incentivo oficial às festas, pela autoridade pública. Além disso, decreto de 1973 instituiu o Biênio da Colonização e Imigração, para que, durante dois anos, fossem incentivados estudos e promovidas festividades, exposições e concursos, com o objetivo apresentar as “etnias como formas representativas do multiculturalismo gaúcho” (HOHLFELDT e VALLES, 2008, p.30), com destaque para a alemã, a italiana, a espanhola, a uruguaia, a polonesa, a japonesa, a israelita, a portuguesa, a indígena, entre outras. Diferentes comissões foram responsáveis pela “promoção de distribuição de cartazes, folhetos e demais materiais de divulgação dos festejos, com responsabilidade quanto a sua entrega ou remessa” (HOHLFELDT e VALLES, 2008, 31).

Observa-se, portanto, que a ligação do turismo às festas aconteceu no Rio Grande do Sul de forma institucionalizada nas décadas de 1960-1970, quando do incentivo à sua realização para movimentação do interior do Estado. Atualmente, as festas cultivadas nas mais variadas comunidades, muitas consideradas tradicionais por acumularem várias edições, integram os calendários turísticos locais, regionais e mesmo o nacional. Portanto, com o aumento do número de festas realizadas, surge um novo tipo de evento, que em muitos casos tem sido tratado como *feira popular*. Defende-se que, a partir do olhar do turismo, a expressão *feira temática* coloca-se como mais apropriada para caracterizar esse tipo de evento. Tais feiras têm a marca-las:

a) íntima associação com o turismo, quer *a priori*, na sua concepção simultânea, quer *a posteriori*, por atrair fluxos de visitantes;

b) a presença de um eixo temático agindo como eixo organizador;

c) o eixo temático constituindo-se em um imaginário preferencialmente associado ao território, destacando a produção agrícola presente no local, quer como economicamente hegemônica quer como diferencial: Uva, Pinhão, Kiwi, Maçã, Morango, Pêssego, etc... , ou a outros referenciais simbólicos da paisagem, como as hortênsias;

d) o eixo temático constituindo em imaginários associados à cultura local, nas suas manifestações que a pressupõe, e à identidade, como decorrentes do território: o artesanato (Fearte), a gastronomia local (Fenadoce, Poletaço, Festiqueijo, Festa do Chucrute...), os costumes locais tradicionais (Festa da Colônia, Natal Luz);

e) forte presença de oferta gastronômica;

f) presença de feiras de pequena, médio e grande porte para exposição e/ou venda de produtos locais, na atualidade, em muitos casos, predominantemente artigos populares de baixo custo;

g) programação cultural marcada pela participação de grupos locais, amadores, como corais de escolas, esquetes por grupos de clubes de mães, teatralizações por grupo de terceira idade, entre outros, para preencher horários e espaços ociosos, e grandes shows com músicos de repercussão nacional, no horário noturno;

h) apoio público;

i) organização composta por grupos da comunidade, na forma de comissões;

j) a ritualização, não mais no seu sentido antropológico, mas com viés midiático, como desfiles de corsos ou carros alegóricos, eleições de princesas e rainhas...

4 Introduzindo o conceito Festa Temática

A expressão *festa temática*, como uma categorização de festa, não foi localizada na revisão bibliográfica realizada⁴, tampouco em documentos disponibilizados pelo Ministério do Turismo, onde são apresentadas as seguintes categorias de eventos: Festas, Festas Populares, Festivais e Festas Juninas. A expressão *festa temática* tem sido utilizada na imprensa para designação de festas de caráter social, associadas a marcas comerciais, a festas para o público jovem, organizadas em termos de temática a serem seguidas pelos participantes - Festa Anos 80, Festa do Pirata, Festa do Ridículo - ou então festas com decoração específica, mais comumente utilizadas em festas infantis com um tema central, como Cinderela, Shrek, Pinóquio, Moranguinho, etc.

Separando os termos da expressão proposta, ter-se-ia *festa* como sendo uma celebração, caracterizada por sua função de “exaltar, tornar célebre, proclamar, promover, em suma, dar a conhecer, por meio de ostentação festiva” o objeto da celebração (RIBEIRO, 1998, p.67). A palavra *temática* seria a soma do radical ≤tema≥, do latim *thēma* e do grego *thēma*, à desinência ou sufixo. O radical diz-se da “proposição que vai ser tratada ou demonstrada”, “assunto” (CUNHA, 2007, p. 761). Gonzalez Viaña (2006), utilizando-se do Dicionário de

⁴ A expressão festa temática foi encontrado apenas no artigo titulado “Presença da Ruralidade em Municípios Gaúchos: o exemplo de Silveira Martins, RS”, de autoria de ALVES, LINDNER e FERREIRA. Presença da Ruralidade em Municípios Gaúchos: o exemplo de Silveira Martins, RS. Anais XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009

Língua Espanhola da Real Academia Española, aponta *tematizar* como “converter em tema central de um discurso, texto, discussão, obra de arte, etc.”. O substantivo *temática/o* seria “o conjunto de temas parciais contidos em um assunto geral”. A aplicação de *temático/a* como adjetivo diz respeito ao “que se arruma, dispõe ou executa segundo o tema ou assunto de qualquer matéria” (GONZALEZ VIAÑA, 2006, p. 87 – tradução das autoras). Assim, a expressão *festa temática* é aqui utilizada para designar as festas que se dão como acontecimento e entretenimento, tendo o seu imaginário organizado preferencialmente a partir de produto ou expressão cultural tradicional local, sendo esse o tema de festa. À festa temática associa-se uma condição de oferta ou atrativo turístico, marcando-se pelo apoio e mesmo patrocínio do poder público, sendo a sua organização entregue, senão de fato, pelo menos simbolicamente, a representantes da comunidade, muitas vezes atuando na forma de comissões.

Reportando a conceituação proposta por Ashton (2000) para parques temáticos, algumas condições apontadas podem ser transposta para a festa temática: (1) ter um custo de entrada e não por atração; ser construído com base nas necessidades dos visitantes; (2) proporcionar mais sensação física do que simulação; (3) ser um destino em si mesmo. Portanto, transpondo para as festas temáticas, pressupõe-se que se coloquem como um **espaço de diversão e entretenimento**, que ofereça ao visitante sistemas que lhes sejam essenciais, como **espaço para ver, comer, comprar e vivenciar**, cobrando-se pelos serviços um **valor de entrada, devendo a festa** constituir-se em uma **atração** em si mesma.

No que diz respeito ao desenvolvimento do turismo a partir dos parques temáticos, como proposto por Ashton, observa-se sua aplicabilidade ao viés da Festa: (1) a busca de novas experiências por parte do visitante; (2) uma forma de atração para os destinos menos favorecidos pelo turismo; (3) busca de vantagens competitivas; (4) o papel do setor público no desenvolvimento do turismo temático; e (5) a busca de diferenciação do produto em relação à oferta do mercado (ASHTON, 2000, p.24-25).

Ressalta-se também a presença de outras festas de comemorações religiosas, o carnaval, as Oktoberfest⁵, os Rodeios, e os Kerb⁶. Ribeiro (1998) aponta para o fato de que no Sul do Brasil, o calendário festivo demonstra a estreita relação entre o meio rural e urbano nas

⁵ Festa de Outubro, típica alemã, regada a chope e cerveja.

⁶ Festa característica da cultura da imigração alemã, em geral regada a chope e cerveja e cuja duração, nas suas origens, era de dois ou três dias seguidos

definições das suas principais Festas, principalmente em municípios de economia agrícola. Observa-se, no Brasil, conforme Calendário de Eventos oficial do Ministério do Turismo de 2010 e 2011, diversas manifestações que podem ser chamadas, então, de Festa Temática, conforme abaixo.

TABELA I – Festas Temáticas no Brasil

FESTA	CIDADE
Festa do Queijo	Curvelândia – MT
Festa do Alho	Cristópolis – BA
Festa do Quentão	General Salgado – SP
Festa das Origens – HEIMATFEST	Forquilha – SC
Festa da Polenta	Venda Nova do Imigrante – ES
Festa da Banana – BANANENFEST	Corupá – SC
Festa da Imigração Austríaca – TIROLERFEST	Treze Tílias – SC
Festa Nacional do Marreco – FENARRECO	Brusque – SC
SCHÜTZENFEST – Festa dos Atiradores	Jaraguá do Sul – SC
Festa Nacional da Ostra e Cultura Açoriana – FENAOSTRA	Florianópolis – RS
Festa do Milho de Paiquere	Londrina – PR
Fest-Praia de Paranaíta	Paranaíta – MT
Festa na Roça da Fazenda Buracão	Mococa – SP
Festa do Marechal	Socorro – SP
Festa dos Tropeiros	Sorocaba – SP
Festa do Peixe	Dourados – MS
Festa Estadual da Ovelha	Campo Alegre – SC
Festa da Banana	São Bento do Sapucaí – SP
Festa da Melancia	Marília – SP
Festa Pomerana	Pomerode – SC
Festa do Mel	Damião – PB
Festa do Milho	Xanxere – SC
Festa da Lingüiça	Maracaju – MS
Festa do Melão	Barauna – RN
Festa do Peão de Boiadeiro	Cafelândia – SP
Festa do Tomate	Reserva – PR
Festa da Lavagem do Bonfim	Mata de São João – BA

Fonte: As autoras (2011)

Na tabela não foram contabilizadas manifestações religiosas, de carnaval e rodeios. Assim, observa-se que os temas e motivos das festas temáticas são os mais diversificados possíveis, indo do sagrado ao profano, e passando por comemorações gastronômicas, de produtos e serviços, além das festas religiosas, carnavalescas e folclóricas.

5 Encaminhamentos

Dada a importância das festas e do festejar observada na cultura brasileira e, no recorte dessa proposta, mais frequentemente no Estado do Rio Grande do Sul, ambos estão estreitamente ligados ao desenvolvimento do Turismo como atividade de preenchimento do tempo livre, através do lazer e entretenimento. Tais festas apresentam especificidades que não permitem tratá-las como festas populares ou folclóricas, mas, analisadas suas características, é possível sugerir o termo *Festa Temática*. Tais Festas Temáticas estão presentes em boa parte dos municípios brasileiros com grande adesão do público local, inclusive na sua organização e realização, mas também com expressiva participação de visitantes e turistas.

Reitere-se que tais encaminhamentos colocam-se como provisórios, tendo em vista que a pesquisa que os sustenta ainda está em desenvolvimento. A opção por trazer a proposta à público, visa ampliar e qualificar o debate e, nestes termos, alimenta o prosseguimento da investigação.

Referências

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festas, festivais, festividades: algumas notas para a discussão de métodos e técnicas de pesquisa sobre festejar no Brasil**. Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades (CIRS/CASO/CEFET) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

ASHTON, Mary Sandra Guerra. **Parque Temático Mini Mundo: comunicação e turismo na pós-modernidade**. Dissertação do Mestrado em Comunicação Social – PUCRS: Porto Alegre, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de França e da Inglaterra**. São Paulo: Editora HUCITEC – Annablume, 2002.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: M. Fontes, 2004.

BOULLÓN, Roberto C. **Las actividades turísticas y recreacionales** – El hombre como protagonista. Mexico: Trillas, 1990.

BOURDIEU, Pierre; ORTIZ, Renato. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BUENO, Marielys Siqueira. **Lazer, Festa e Festejar**. CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, ano 2, n.2 – julho, 2008.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

GASTAL, Susana e CASTRO Marta Nogueira de. A construção do campo do turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande do Sul”. In CANDIDO, L.A e ZOTTIS, A. (org.) **Turismo, múltiplas abordagens**. Nova Hamburgo: Feevale Editora, 2008, p. 30-41

GONZALEZ VIANA, Maria del Carmen. **Turismo y ciudad: nuevas tendencias**. Buenos Aires: Turísticas, 2006.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

MACHADO, Nara Helena Naumann. **A exposição do Centenário Farroupilha: ideologia e arquitetura**. Diss. (Mestrado em História) - PUCRS, Inst. de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 1990.

PIRES, M. J. **Raízes do Turismo no Brasil**. São Paulo: Manoele, 2002.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. **A Celebração da Festa: conhecer e de dar a conhecer a própria identidade**. Tese de Doutorado em Educação da Universidade Federal de São Carlos: SP, 1998.

_____. **Festa & identidade: como se fez a Festa da Uva**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Entretenimento: uma critica aberta**. São Paulo: Editora: SENAC, 2003.

ZOTTIS, Alessandra Marcella. A Contribuição dos Cartazes da Festa da Uva **na Construção da Imagem Turística de Caxias do Sul**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, 2003.